ODISSEU E AS SEREIAS – A MÚSICA COMO ELEMENTO NA ICONOGRAFIA DO MITO

LIDIANE CAROLINA CARDERARO DOS SANTOS[1]

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a iconografia em cerâmica grega e de influência grega produzidas entre os séculos VI e IV a.C. e que retratam o episódio da passagem do barco de Odisseu pelas Sereias e como ele as venceu por meio da astúcia, narrado no Canto XII da Odisseia, de Homero[2].

A Odisseia é o texto mais antigo de que temos conhecimento que se refere às Sereias, e data de época semelhante também a representação dessas criaturas em iconografia grega. A análise que se segue visa tratar de maneira particular como é representado, iconograficamente, o elemento musical desse episódio. Para tanto, de início cabe situar a cena a partir de sua origem, o Canto XII da Odisseia homérica.

A fim de esclarecer sua relação com a música, faz-se um breve apontamento sobre a genealogia das Sereias e os contextos mitológicos em que estão inseridas, referenciando algumas problemáticas que se mostram pertinentes. A partir daí, é possível identificar a relação desses seres com a música, seja pelo seu emblemático canto, seja pelo uso de instrumentos musicais. De acordo com essa construção literária desenvolve-se a análise da iconografia relacionada com o episódio e suas tipologias, bem como os tipos de vasos que lhes servem de suporte e as relações que as imagens estabelecem com eles.

Palavras-chave: Sereias; Odisseia; Iconografia cerâmica; Música; Grécia Antiga.

Para esta análise consideramos um catálogo iconográfico (anexo) que compreende sete imagens reproduzidas em vasos gregos e de influência grega produzidos entre os séculos VI e IV a.C. e que remetem à obra Odisseia. As imagens retratam o episódio da passagem do barco de Odisseu pela ilha de Antemoesa, habitação das Sereias, e como ele resistiu à sua música, e são reproduzidas em variadas formas de suporte cerâmico.

1 Mestranda em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel); Mestranda em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra (UC). Bolsista CAPES.

2 Não entraremos aquí na Questão Homérica, considerando os poemas homéricos surgidos no século VIII a.C. mas tendo sua versão definitiva estabelecida por Homero no século VI a.C., conforme as proposições de Gregory Nagy.

As Sereias são seres encontrados nas mitologias mais antigas, como a assírio-babilônica e a egípcia. No entanto, para o mundo ocidental a construção mais relevante desses seres será a de origem grega.

É significativo lembrar que a obra homérica é a mais antiga referência literária de que se tem notícia em que essas figuras aparecem. De acordo com a tradição homérica as Sereias são duas, embora outras fontes posteriores deem conta de serem três, chegando ao número de oito, como relata já mais tardiamente Platão.

Nas imagens analisadas contam-se equilibradamente três Sereias em três das imagens elencadas, enquanto outras três delas possuem representadas duas Sereias e em uma outra, sendo fragmentada, apenas pode ser certificada a presença de uma Sereia – porém, provavelmente não seria a única, dado o contexto da cena representada.

A ODISSEIA

No Canto XII da Odisseia, Homero narra o encontro entre Odisseu e seus companheiros com as Sereias e como ele, com a ajuda de Circe, empreendeu artifícios para sobreviver a seu canto sem, no entanto, deixar de ouvi-lo.

> Isso tudo chegou a um fim, agora escuta.
> O que vou te dizer, um outro deus te lembrará.
> Às Sereias primeiro te aproximarás, elas que a todos
> os homens encantam, por causa delas se aproximam.
> Quem a isso ignora, se avizinha e escuta a voz das Sereias,
> nunca mais verá a mulher e os filhos pequenos
> nem retornará para a casa.
> Mas pelo canto melodioso das Sereias ficará encantado.
> Elas estão sobre um prado com ossos de ambos os lados
> de corpos em decomposição, com peles ressecadas.
> Segue a diante. Sobre os ouvidos dos companheiros
> cobre com cera, para que nenhum deles as ouça.
> Se ao mesmo tempo quiseres, ouve-as,
> mas que te amarrem no barco pelos pés e as mãos,
> ereto ao mastro, por meio de cordas,
> enquanto te deleitas a ouvir as Sereias.
> (*Odisseia* 12.37-52[3])

[3] Salvo indicação em contrário, todas as traduções apresentadas neste trabalho são de nossa autoria.

Na passagem reproduzida acima, Circe descreve a Odisseu o primeiro dos perigos que deverá enfrentar em seguida, o encantamento do canto das Sereias, ao passar com o barco próximo à ilha em que habitam.

Apesar da forte ligação da descrição dos arredores da ilha com o mundo inferior e, por conseguinte, com a morte, esse aspecto da ilha não aparece representado iconograficamente na cerâmica grega. A ilha é representada apenas por seus rochedos, onde estão pousadas as Sereias.

Circe adverte Odisseu do poder encantador e mortal do canto das Sereias, ao enfatizar que quem as ouve cantar não retorna à sua casa. Em seguida, revela-lhe o artifício para passar imune pela ilha, cobrindo com cera os ouvidos dos companheiros e ordenando-lhes que o amarrem no mastro do barco, para que ele possa ouvir o canto sem ser levado por elas para a morte.

As Sereias têm por natureza serem seres enganadores e é através do canto que expressam seu poder sedutor e persuasivo. É um canto que visa o convencimento, que expressa uma intenção de cantar algo significativo caso o navegante se aproxime. Nele, as Sereias prometem a Odisseu cantar seus feitos em Troia, valendo-se do fato de ele ter sido o protagonista do desfecho da guerra. Esse início de seu canto soa como uma pretensão de mantê-lo imortalizado como o herói da Ilíada, e não como o herói da Odisseia, provocando assim uma interessante transição entre um poema e outro, na qual as Sereias atuam como intermediadoras entre dois momentos da vida de Odisseu. O canto funciona como um convite, no qual as Sereias utilizam argumentos semelhantes aos que as Musas usariam para tentar convencê-lo a se aproximar.

> ‘Venha para perto, brilhante Odisseu, glorioso Aqueu,
> pare a nau, para então escutar a nossa voz.
> Jamais alguém passou por aqui em nau negra,
> sem que a melodia de nossas bocas ouvisse.
> Depois afasta-te, satisfeito e cheio de conhecimento.
> Sabemos tudo o que se passou em Troia
> Por vontade dos deuses, Argivos e Troianos sofreram,
> Tanto quanto o ocorrido na terra fértil.’
> (*Odisseia* 12.184-191)

Seu canto se assemelha, portanto, ao *epos* dirigido às Musas ao se iniciar uma epopeia, de forma a se tornar irresistível aos ouvidos do herói. Mas também a hinos cantados em honra ao herói morto em campo de batalha, típico do poema épico. No entanto, por essa perspectiva, é curioso lembrar que Odisseu não morreu em Troia e que a morte provocada pelo canto das Sereias não se configuraria na “bela morte” (*kalos thanatos*) própria dos heróis; assim, esse tipo de exaltação que elas tentam empreender, atribuindo-lhe o epíteto “brilhante aqueu”, não condiz com a figura de Odisseu. Buscam convencê-lo a abandonar seu destino, o retorno a Ítaca, oferecendo algo que ele claramente não pode ter.

É importante notar que a narrativa se refere às Sereias apenas com relação a seu canto e ao poder de sua música, não se dedicando em momento algum à sua descrição física, tampouco à sua genealogia, relegando-as a autores posteriores. Apolônio de Rodes, na *Argonáutica* (4.892-911), será o primeiro a apresentar uma descrição física das Sereias, com corpo de ave.

> Um vento favorável levava a nau. Em seguida avistaram
> a bela ilha de Antemoesa, onde as harmoniosas
> Sereias, filhas de Aquiloo,faziam perecer
> com o encanto de seus doces cantos a todo aquele que se aproximasse.
> As deu à luz, por dividir o leito de Aquiloo,
> a bela Terpsicore, uma das Musas. Em outro tempo
> haviam servido à valorosa filha de Deo
> ainda virgem, acompanhando-a.
> Mas então eram, em sua aparência,
> semelhantes em parte a aves e em parte a donzelas.
> Sempre à espreita em um rochedo com bom porto,
> quantas vezes já arrebataram a muitos o doce regresso,
> consumindo-lhes de languidez! Sem salvação para estes,
> também emitiram de suas bocas uma voz encantadora. Eles, da nau,
> já se dispunham a desatar as amarras sobre as orelhas,
> se o filho de Eagro, o trácio Orfeu,
> tendo em suas mãos a lira Bistonia,
> não tivesse entoado a vivaz melodia de um canto ligeiro,
> a fim de que seus ouvidos zumbissem
> com a ruidosa interferência de seus acordes.
> E a lira superou a sua voz. Ao mesmo tempo o Zéfiro e o sonoro ruído,
> levaram a nau; e aquelas emitiam um confuso rumor.
> (Apolônio de Rodes, *Argonautica* 4.892-911)

O encontro de Odisseu com as Sereias também foi relatado na literatura por outros autores antigos, em diferentes épocas entre os períodos Arcaico e Clássico. Na *Bibliotheca* de Apolodoro, por exemplo, há no relato do encontro das Sereias com Odisseu uma das indicações conhecidas de sua genealogia, a descrição delas como instrumentistas, além de um relato de sua morte:

> E tendo vindo até Circe ele foi em sua direção e lançou-se ao mar, e navegou passando pela ilha das Sereias. Agora as Sereias eram Pisinóe, Aglaópe e Telxiépia, filhas de Aqueloo e Melpomene, uma das Musas. Uma delas tocava a lira, outra cantava, outra tocava o aulos, e dessa maneira elas eram aptas a persuadir os marinheiros que passavam por perto, e a partir da cintura elas tinham forma de aves. Navegando por elas, Odisseu desejou ouvir seu canto, mas pelo alerta de Circe ele tapou os ouvidos dos companheiros com cera e ordenou que o amarrassem ao mastro. E sendo persuadido pelas Sereias a ficar, ele implorou para ser liberto, mas eles o amarraram ainda mais. Agora era predito para as Sereias que elas próprias deviam morrer quando um barco passasse ileso por elas, então elas morreram. (Apolodoro, *Bibliotheca,* Epitome 7.18-19).

De acordo com Serena Ensoli (1996, 98), foi por volta dos séculos VII e VI a.C. que a representação iconográfica das Sereias em cerâmica ática se tornou representativa, apresentando como base de sua tipologia a influência da tradição homérica: corpo de ave e cabeça feminina, provida de asas mas não de braços humanos e pousadas sobre rochedos. Conectadas a esses tipos estão as características que se perpetuarão nessas criaturas desde logo, como o poder encantador e sedutor do canto, que representará a partir desse momento sua faculdade mágica, extremamente ligada ao poder mântico expresso no canto homérico.

A primeira representação conhecida desse episódio da Odisseia está em um *Aryballos* corinto de figuras negras do início do século VI a.C. (Fig. 01), e consolida de forma evidente a tipologia fundamental dessas figuras, aves rapinantes com faces femininas, estabelecendo o número de Sereias em duas, conforme a tradição homérica. Embora haja modificações posteriores a essa tipologia, considerando outras tradições, como a hesiódica, essa forma de representação não se perde. Na iconografia deste vaso as Sereias apresentam corpos de ave e rosto humano, e estão pousadas sobre um rochedo. Ao seu lado direito há uma figura feminina, que tem sido interpretada como sendo Circe. A forma da rocha em que estão, com as extremidades sobressalentes, reforçam a hipótese de que elas estariam dentro de uma caverna, de onde podem esconder seu corpo para que os marinheiros apenas vejam seu rosto feminino, sedutor. À esquerda das Sereias está o barco onde se vê Odisseu atado ao mastro e contemplando seu canto, enquanto seus companheiros remam na direção contrária à ilha. Sobre o barco há dois abutres, prontos para atacar a parte dos marinheiros que lhes for deixada, ou seja, o corpo, pois a alma seria guiada até a porta do Hades pelas Sereias, de acordo com a mitologia que as permeia.

O vaso em que está a referida iconografia traz em si uma significação, ou justificativa, que dá conta da relação entre a imagem e o suporte. Esta imagem está inserida em um *Aryballos*, vaso cuja função é conter perfume ou óleo, fortemente presente na esfera feminina; muitas vezes, também, usado pelos atletas para conservar o óleo usado para ungir o corpo nas competições. Percebe-se, portanto, como é emblemática a representação de um herói grego nesse tipo de vaso, ainda que Odisseu não tenha sido um herói destacado por sua bravura, mas sim pela astúcia.

Data de época relativamente próxima, fins do século VI a.C., uma *Oinochoe* de figuras negras (Fig. 02) em que Odisseu é retratado atado ao mastro do barco, que por sua vez não aparece na imagem. Aqui, no entanto, as Sereias são três, representadas de forma vultuosa sobre a encosta da ilha. A forma abobadada do fundo do rochedo incita, também, a interpretação de que seria uma caverna. Todas juntas são representadas apenas como cantoras, não trazem instrumentos musicais. Constituem-se, além disso, de corpo de ave e a face humana, possuindo apenas asas, mas não braços, que aparecerão na iconografia posterior. Pode, portanto, ser vista como uma transição ou miscigenação de tradições iconográficas distintas. Vê-se que sua proporção corpórea, comparada à dos ocupantes do barco, é menor. Esse artifício poderia ser utilizado pelo pintor tanto para dar ideia de distanciamento quanto para enfatizar a figura de Odisseu.

As Sereias

Ora referidas como “seres monstruosos”, ora como “ninfas do mar” ou “feiticeiras”, esses seres de corpos parte aves e parte mulheres têm diversas genealogias relatadas na literatura grega antiga. Do

mesmo modo, a mitologia relacionada às Sereias vai variar bastante. Ainda assim, imagens datadas do século VIII a.C. foram identificadas como Sereias a partir do relato homérico, posterior, e ratificadas pelas descrições que se seguiram.

Geralmente, são tidas como filhas do deus-rio Aquiloo e da musa Melpômene – ligada às artes e à música, o que daria sentido à sua conexão com as Sereias.

No pseudo-hesiódico *Catálogo das Mulheres* (frs. 27-28 M-W) as Sereias eram duas e seus nomes seriam Telxíope, que remonta a *thelgein* (o mesmo verbo utilizado na *Odisseia* 12.40, 44) e significa algo como "aquela que pronuncia palavras irresistíveis"; e Aglaófone, que reporta a *aglaos*, termo que é usado para conotar "canto" e que daria um significado ao nome semelhante a "a de canto esplêndido".

Apolônio de Rodes, na *Argonáutica* (4.892-919), ao narrar o episódio com as Sereias, as apresenta como filhas de Aquiloo com outra musa, Terpsícore. De toda forma, é consenso, neste caso, que as Sereias seriam filhas de Aquiloo com uma das Musas, o que por uma genealogia genérica justificaria sua ligação com o mar, portanto a água, por meio do pai; e a ligação com a música seria advinda da mãe. Não ignoremos, no entanto, a existência de outras genealogias descritas, como a de serem filhas da deusa Gaia.

Já no século V a.C. Platão vai contá-las em oito na sua obra *República* (617b-c), ao relacionar a harmonia de seu canto com a harmonia cosmológica dos pitagóricos. Arribas (2007) atenta para o fato de os pitagóricos e neoplatônicos terem relacionado o coro das Musas, que produz harmonia, e as esferas com as Sereias, de modo que as Musas foram equiparadas ao *logos*, à *episteme* – o conhecimento –, enquanto as Sereias à *doxa* – a conjectura –, negando, portanto, o conhecimento verdadeiro por parte destas.

A mitologia em torno desses seres aponta que elas teriam sido punidas por Demeter por não terem socorrido sua filha, Perséfone, a quem serviam como cantoras no coro, à ocasião de seu rapto; tendo, pois, os corpos transformados em aves. Conforme o relato de Apolodoro (*Bibliotheca*, Epítome 7.18-19) um oráculo teria dito, então, que elas viveriam tanto tempo quanto não deixassem escapar da morte por seu canto os marinheiros que cruzassem a ilha de Antemoesa, em que habitavam.

Sabe-se que as Sereias foram vencidas por duas vezes. A primeira por Orfeu e os Argonautas, assim como relatado por Apolônio de Rodes na *Argonáutica*, e a segunda por Odisseu, tal qual relatado por Homero na *Odisseia*.

Uma explicação para que a morte das Sereias não tivesse ocorrido após a passagem dos Argonautas seria que eles não sobreviveram de fato à sua música, pois não a escutaram graças à superioridade

da música de Orfeu. Tendo, portanto, Odisseu resistido ao seu canto, elas não suportaram a derrota e lançaram-se ao mar, cometendo o suicídio.

A propósito da morte das Sereias, há uma iconografia sobre um *Stamnos* de figuras vermelhas proveniente da Etrúria, datado em torno de 500 a 450 a.C. (Fig. 03) em que há ao centro o barco em que Odisseu (nomeado), atado ao mastro, ouve o canto das Sereias. Seus companheiros são representados sentados aos remos. À esquerda e à direita do barco há rochedos onde cantam duas Sereias. Uma terceira Sereia é representada empreendendo um mergulho ao mar, de olhos fechados, um forte indício de que esta seja uma representação de seu suicídio. As Sereias neste vaso são representadas com a totalidade do corpo como um pássaro e apenas a cabeça humana, enfatizando a qualidade de seu canto.

A versão de que as Sereias teriam cometido suicídio, jogando-se ao mar e transformando-se em pedras, é bastante enraizada na cultura antiga grega, sendo elas elementos bastante presentes em ocasiões em que o tema do suicídio é tratado.

Há ainda uma terceira forma de morte das Sereias, relatada por Pausânias (IX, 34.2-3), de acordo com a qual as Sereias pretendiam a glória de cantar melhor do que as Musas e, incitadas por Hera, desafiaram-nas. Ao perder, as Musas, por castigo, teriam retirado as penas de suas asas, fazendo assim com que caíssem ao mar, transformando-se em pedras.

A IMAGEM DAS SEREIAS

Uma *Oinochoe* de figuras negras proveniente de Atenas (Fig. 04), datada entre 525 e 475 a.C., traz a iconografia da cena homérica em que, à direita, Odisseu está atado ao mastro do barco para ouvir a música das Sereias. À esquerda, sobre uma encosta, as três Sereias, uma ao lado da outra. As Sereias apresentam braços humanos e já não são representadas apenas como cantoras, mas também como instrumentistas. A primeira toca o aulos, a segunda canta e a terceira toca a lira. Nesta imagem as figuras das Sereias estão em evidência, sendo representadas maiores do que os tripulantes do barco e o próprio Odisseu, que por sua vez já é maior do que seus companheiros. O barco traz bastante evidente sua interessante forma de javali, que remete à cicatriz de reconhecimento de Odisseu enquanto herói, mas também ao seu *status* de nobreza diante da sociedade grega; característica recorrente nas representações do episódio.

De acordo com Serena Ensoli (1996, 101), a partir do final do século IV a.C. a representação do episódio na tradição ática se torna mais presente, apesar de já ser evidente a preferência pela iconografia sepulcral para a representação das Sereias, porém com algumas mudanças fundamentais. As Sereias foram fixadas em número de três, e passaram a ser reproduzidas com braços humanos e tocando um instrumento musical. Essa tipologia segue a tradição hesiódica, de

acordo com a qual as Sereias são três, a primeira toca a lira, a segunda canta e a terceira toca o aulos. Desse modo, as Sereias compreendiam a totalidade prática da produção musical: vocal, através do canto; e instrumental, pela presença tanto de um cordófono quanto de um aerófono. Raras são as variações com relação aos instrumentos, permanecendo a tradição referida por Apolodoro. No entanto, a tradição anterior, de representar apenas duas Sereias, não se perdeu. Houve, sim, uma miscigenação entre as tradições e mitologias nas quais estavam inseridas, principalmente no que diz respeito às iconografias produzidas nas regiões colonizadas, como a Magna Grécia.

Há no episódio homérico uma pluralidade de significados, que se confirmará em outras obras que citam ou tratam da figura das Sereias. De início identificamos a relação de seu canto com a morte, o que faz delas próprias intermediárias entre a vida e a morte. Essa relação vai ser melhor explorada na iconografia de vasos funerários, especialmente *Lékithoi*, cuja produção é intensificada por volta do século IV a.C.

Apesar de a cena homérica em si não estar entre as recorrentes figurações das Sereias em *Lékithoi* funerários, podemos encontrar este episódio representado em um *Lékithos* de fundo branco atribuído ao Pintor de Edimburgo e datado de aproximadamente 500 a.C. (Fig. 05), em que se pode ver Odisseu amarrado ao mastro do barco enquanto ouve duas Sereias, uma de cada lado do mastro.

A da direita toca um aulos enquanto a da esquerda toca uma lira, corroborando a proposição hesiódica da completude musical. De cada lado de Odisseu há um golfinho, animal marinho também fortemente relacionado à música e ao canto. Na imagem não se vê o barco e os outros tripulantes, apenas o mastro e a água ao fundo. Cada Sereia está sobre um rochedo, e suas figuras apresentam, além do rosto feminino, os braços humanos, características provenientes já de uma tradição posterior à homérica, e que surgiram pela necessidade de representar as Sereias como instrumentistas.

Analisando a imagem das Sereias é possível refletir acerca de sua figuração. Pode-se ver, inclusive se tomarmos apenas as imagens elencadas, que as Sereias não somente têm corpos de ave, mas sua representação as mostra como aves de rapina, pela sua posição sobre o rochedo e patas facilmente confundidas com garras, como as das águias.

Na simbologia homérica a águia pode ser entendida como um presságio de morte ou de vingança cruel. Além de águias, as Sereias também podem ser comparadas a abutres, o que é evidenciado pela descrição homérica da ilha que habitam, cercada por ossos e peles, um cenário horrendo que propicia a conexão com aves carniceiras.

Loes Opgenhaffen (2010: 50) faz uma reflexão esclarecedora acerca da ilha das Sereias e sua semelhança com o Hades, considerando a forte relação que as Sereias têm com a morte e sua

designação como elo entre os dois momentos, a vida e o pós-vida. Segundo ele: “o aspecto natural do prado simboliza o contínuo ciclo de criação de decadência, e subsequentemente pode ter servido como referência para morte. Na Grécia Antiga o mundo inferior podia ser também chamado de ‘campo de ossos’ e a descrição homérica como uma ilha rodeada por ossos pode ser tomada como referência para o mundo inferior”.

A particular situação com as Sereias investindo sobre o barco, em forma de ataque evidente aos marinheiros e a Odisseu, não é a forma mais comum de representação das Sereias. Elas são mais comumente representadas pousadas sobre o rochedo da ilha, atraindo o barco até elas; no entanto, um fragmento de um *Phorminkos* de figuras negras (Fig. 06), proveniente de Atenas e datado de aproximadamente 550 a 500 a.C. nos mostra uma sereia sobrevoando o mastro da nau de Odisseu, de forma a aparentar um ataque. Uma figura que tem sido interpretada como Polifemo, está sentado sob o mastro, e à esquerda da cena há uma outra figura masculina. A figura da Sereia, com asas abertas, por si já se configura uma forma incomum de representação. Não se vê muito mais da criatura, sendo impossível constatar se portava algum instrumento ou se apresentava o busto feminino. Apesar de vermos apenas uma, provavelmente ela não estaria sozinha na cena, sendo acompanhada de mais uma ou duas Sereias.

Pelo seu aspecto ambíguo, sua forma dual, humana e animalesca, as Sereias podem ser consideradas símbolos de transição. Tendo a morte como transição da vida para o pós-vida, em que as Sereias atuam de certa forma como guias da alma durante a passagem de um estado para outro.

Essas duas importantes características das Sereias, a música e a relação com a morte, eram profundamente arraigadas na cultura grega e se configuraram como importantes indicadores de sua civilização, especialmente em períodos de larga colonização. Fato que pode ser reconhecido ao se constatar a forte presença das Sereias em iconografia funerária de origem italiota.

Um *Krater* de figuras vermelhas (Fig. 07) proveniente de Pesto e atribuído ao Pintor de Piton, por volta de 340 a.C., evidencia essa presença da iconografia ligada às Sereias na península itálica. Nele a cena da Odisseia é representada unindo a tradição tipológica grega já arraigada e elementos inseridos e transformados por uma tradição local. A imagem apresenta ao centro o barco em que Odisseu está atado ao mastro para ouvir o canto das Sereias. Seus companheiros as observam, embora não possam ouvir. São duas as Sereias, postas uma de cada lado do mastro e, apesar de aparentemente não estarem sobre rochedos sua figuração não é de voo, o que deixa inferir que estão pousadas, embora as rochas não estejam explicitas. Sua tipologia é já percebida como tardia e condiz com aquela mais comumente representada na produção italiota, em que a metade inferior da criatura configura-se como corpo de pássaro, enquanto a metade superior é claramente um dorso feminino. A Sereia da direita carrega uma lira na mão esquerda e um espelho na mão direita,

elemento também novo na representação desta cena homérica. Por sua vez, a Sereia da esquerda vai trazer um instrumento de percussão, um *tympanon*, que apenas aparece nas representações italiotas de Sereias.

O canto das Sereias

O canto das Sereias é descrito como um discurso elaborado com palavras agradáveis, convincentes, que, no entanto, carregam sempre algum tipo de sedução ou engano. Nele se carrega toda a ambiguidade que caracteriza a própria essência desses seres.

É através do canto que as Sereias expressam seu poder de sedução e persuasão, características humanas, mas também é através dele que levam suas vítimas à morte, expressando seu lado rapinante próprio da ave, ou da águia, mais especificamente. O canto inebriante faz delas sedutoras mulheres aos olhos dos navegantes que, ao se aproximarem, têm revelado seu terrível aspecto animal e seu instinto predador, portador da morte.

Embora não sejam deusas, as Sereias têm uma relação quase divina com a música. Por outro lado, diante de suas relações mitológicas, já tratadas anteriormente, as Sereias não se desprendem de sua relação com a morte e sua função mítica de guias na transição entre a vida e o pós-vida. Porém, cabe perceber que é a própria música que entoam que promove essa ligação com a morte, relação que está fortemente expressa em sua representação em ambiente funerário, tão presente na iconografia grega, principalmente a partir do século V a.C. Mais uma vez, a relação das Sereias com a música e sua ligação com a morte estão intensamente conectados.

Fica claro que toda a essência da ação das Sereias está em seu canto, sua música. É ela o instrumento de persuasão pelo qual convencem os marinheiros a se aproximarem de Antemoesa para, então, serem mortos e levados até o portão do Hades. Esta é a função das Sereias, que ao mesmo tempo é a chave para sua própria morte, caso sejam vencidas, o que faz delas vítimas de sua própria animosidade.

O canto das Sereias não é um canto qualquer, tampouco é algo ininteligível e sem sentido, mas um canto persuasivo e manipulador. Seu conteúdo só é compreendido por aquele a quem é direcionado, pois expressa seus maiores desejos. Nesse sentido, fica clara a atribuição de uma faculdade premonitória às Sereias. Elas certamente conhecem o presente e o passado daqueles que as cruzam, mas prometem um futuro que é apenas ilusório e, no caso de Odisseu, impossível.

Essa intenção de convencer através de seu canto diante de Odisseu, por si, expressa essa detenção de conhecimento. Uma ideia expressa ao cantarem a Odisseu, na obra homérica: “Do que se passou

nos campos de Troia sabemos tudo por divino favor, os padecimentos de troianos e argivos, mais o ocorrido na prolífera terra"; tal como em Hesíodo as Musas afirmam possuir o conhecimento.

CONCLUSÕES

Homero, assim como outros autores antigos, provavelmente não dispensou atenção para descrever as sereias fisicamente, ou mesmo por demonstrar sua genealogia ou a mitologia em que estão inseridas, simplesmente por estes não serem seus atributos principais. De fato, o principal atributo das Sereias é seu canto, sua música.

É através dessa música que as Sereias cumprem a sua função de mensageiras, ou intermediárias, entre duas situações antagônicas que serão únicas para cada uma de suas vítimas.

Desde sua forma corporal, parte animal e parte humana, sedutora e predadora, as Sereias representam a constante dicotomia entre vida e morte, passado e futuro, conhecimento e engano.

Por meio da música, seduzem os marinheiros cantando falsas profecias de seu futuro heroico, a fim de persuadi-los a se aproximarem de sua ilha, onde finalmente veem seu lado animal, não a tempo de escaparem da morte.

De todo modo, por duas vezes foram vencidas. Não por acaso, vencidas por dois heróis, filhos de uma divindade com um humano – o Argonauta Jasão e Odisseu – pois os homens comuns não teriam a habilidade necessária para resistir, estando condenados a sucumbir ao poder das Sereias se a elas se aproximassem.

A iconografia vascular grega, ao longo dos tempos, retratou o episódio do canto XII da Odisseia seguindo uma tipologia desde logo arraigada a partir de modelos influenciados por mitologias orientais. Partindo de um primeiro padrão, em que as Sereias são duas, seres com corpos de ave e faces femininas, alocadas sobre um rochedo de onde cantam para um Odisseu amarrado ao mastro de seu barco. As variações vão acontecer a partir de outras tradições literárias que dão conta da figura das Sereias, como a hesiódica. As Sereias representadas passam a ser três. Além disso, suas figuras passam a ter o dorso feminino e providas de braços, para dar conta da necessária representação dos instrumentos musicais. Poucas são as variações com relação aos instrumentos, sendo comumente um aulos e uma lira, seguindo também o preposto literário; a produção italiota vai dar conta de inserir também instrumentos de percussão, como o *tympanon*.

Vê-se, portanto e através das imagens selecionadas, que embora tenha havido mudanças na tipologia das figuras, um modelo não sobressaiu ao outro, mas sim coexistiram e mesmo se mesclaram, permitindo representações ao mesmo tempo bastante semelhantes e portadoras de peculiaridades distintivas.

Alguns aspectos se mantiveram, como o fato de Odisseu estar sempre de pé atado ao mastro, na maioria das vezes (cinco das sete imagens elencadas) ao centro, ladeado pelas Sereias. Quando três, todas juntas à uma extremidade da imagem; quando duas, uma de cada lado. À excessão da figura 01, em que são duas Sereias acompanhadas por uma figura feminina, lado a lado à direita do barco.

De todo modo, as imagens buscam retratar, o mais fielmente possível, a cena da Odisseia tal qual descrita por Homero, enfatizando a importância do aspecto musical das Sereias para a própria construção do mito e para o papel social que esse mito vai assumir nas sociedades gregas, em diferentes momentos e lugares. Buscam, inclusive, imprimir na imagem o impacto de um aspecto sonoro, o aspecto musical, elemento chave para o entendimento do episódio.

Por fim, fica explícito que, apesar das dissonâncias promovidas pelas diferentes influências para a representação da cena na iconografia em cerâmica, os aspectos fundamentais para a identificação do episódio e dos mitos envolvidos prevalecem e se sustentam nessas representações, reforçando toda a simbologia que pode estar envolvida na cena.

BIBLIOGRAFIA

Fontes literárias

Apollodorus, *The Library*, english translation by Sir James George Frazer, F.B.A., F.R.S. 2 vols. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1921.

Apolonio de Rodas. *A Argonáutica*. Introducción, traducción y notas de Mariano Valverde Sánchez. Editorial Gredos, Madrid, 1996.

Hesíodo. "Catalogue of Women and the Eoiae" In: Evelyn-White, H.G. *Hesiod, the Homeric Hymns and Homerica*, Loeb Classical Library, nº 57. Cambridge, MA, 1936.

Homero. *Odisseia* vol. II - Regresso. Tradução de Donald Schüler. L&PM, Porto Alegre, 2007.

Platão. *República*. Tradução, introdução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Fund. Calouste Gulbenkian.

Pausânias. *Description of Greece*. Translation by W. H. S. Jones & M.A. Ormerod. Cambridge and London: Harvard University Press and William Heinemann, 1918. Vol. 4.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arribas, Joseni L. "El canto que encanta. Las sirenas en la tradición hispana antigua y medieval". In: *Mirabilia* 7, Instituto d'Estudis Medievals 2007. 39-58.

D'Agostino, Bruno. "Le Sirene, il Tuffatore e le porte dell'Ade". In: *AnnAStorAnt* 4, 1982. 43-50.

Doria, Luisa B. P. "Le Sirene: il canto, la morte, la polis" In: *Annali* Napoli 9, 1987. 65-98.

Ensoli, Serena. "Le Sirene omeriche e le Sirene musicante di età clássica". In: *Ulisse, il mito e la memoria*. Progetti Museali. Roma, 1996. 96-107.

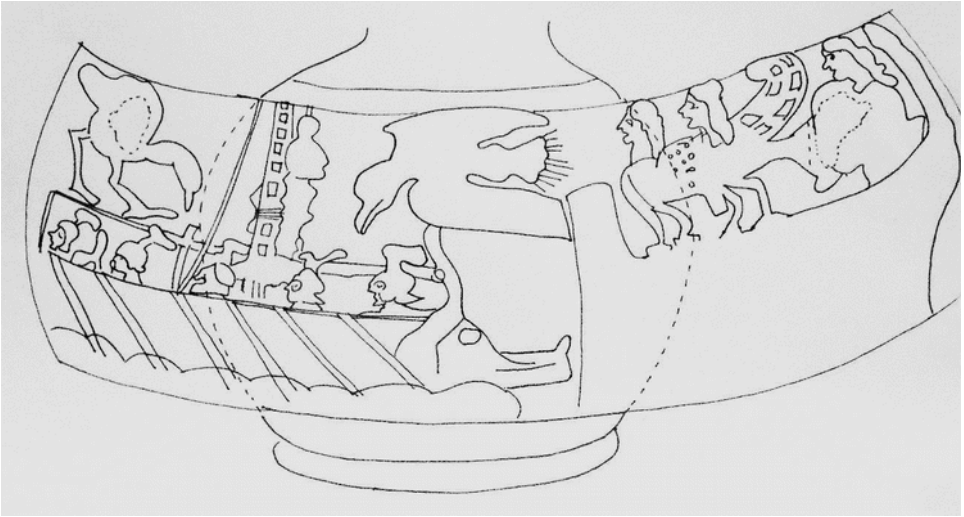
Opgenhaffen, Loes. "Sirens on the roof. Identification of terracotta bird-women in Central Italy". In: *Deliciae Fictiles IV Architectural Terracottas in Ancient Italy Images of Gods, Monsters and Heroes*. Oxbowbooks, Oxford, 2009. 50-61.

Santarelli, Cristina. "Orfeo, Ulisse e le sirene: storia di una sconfitta di genere". In: *Gli spazi della musica*. 2013 vol. 2, n.1.

ANEXO

CATÁLOGO ICONOGRÁFICO

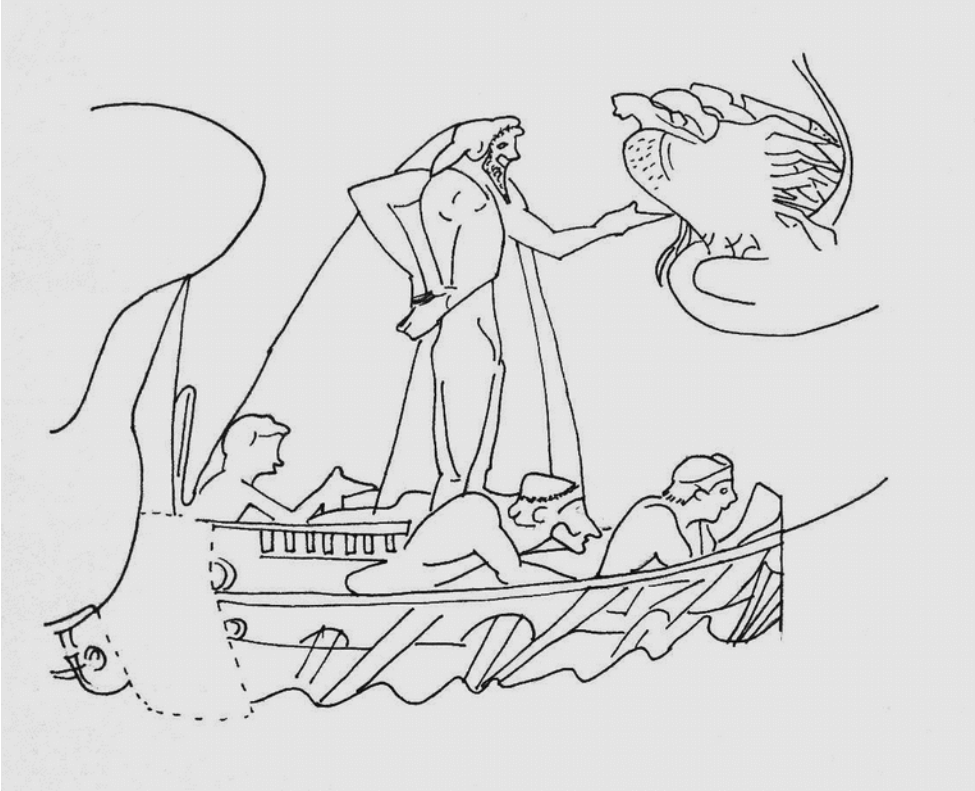
(Ilustrações da autora)
(fig. 01)



Odisseu, atado ao mastro do barco, ouve o canto das duas Sereias que estão à direita, sobre uma rocha cujas extremidades se sobressaem, inferindo a interpretação de que seja uma caverna. Junto às Sereias uma figura feminina, possivelmente Circe. Os companheiros de Odisseu remam o barco em sentido contrário à ilha das Sereias. Sobre o barco, dois abutres aguardam pelos corpos dos marinheiros.

Aryballos de figuras negras, Corinto.
Por volta de 575 a 550 a.C.
Museum of Fine Arts de Boston.
Catálogo Fairbanks, Vases (MFA), nº 467.

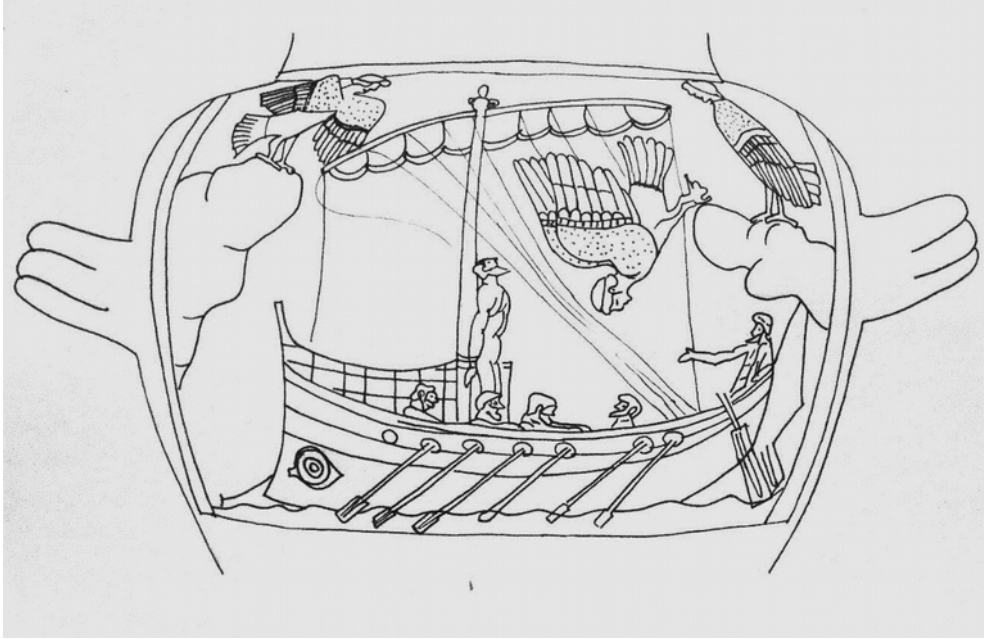
(Fig. 02)



Odisseu atado ao mastro do barco. Três Sereias estão postas de forma vultuosa sobre a encosta da ilha. Todas juntas são representadas apenas como cantoras, pois não trazem instrumentos musicais, e possuem apenas asas, e não braços.

Oinochoe de figuras Negras, Ática.
Por volta de 520 a.C.
Museu Antikensammlun, Berlin, Germany. TBA.
Beazley Archive Number: 9404.

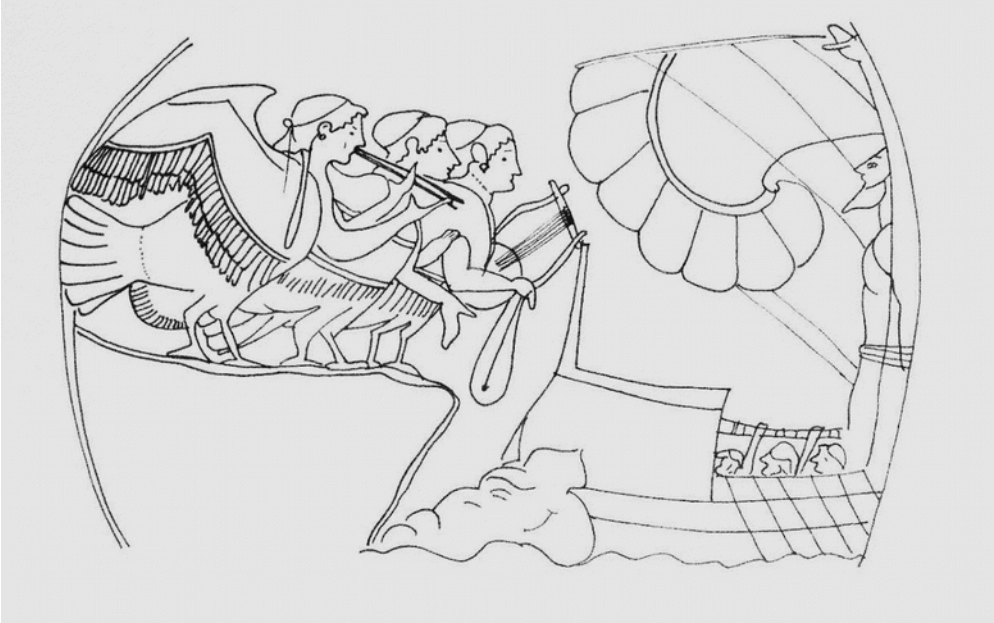
(Fig. 03)



Ao centro o barco em que Odisseu, atado ao mastro, ouve o canto das Sereias. Seus companheiros são representados sentados aos remos. À esquerda e à direita do barco há rochedos onde cantam duas Sereias. Uma terceira Sereia é representada empreendendo um mergulho ao mar, indiciando seu suicídio. As Sereias são representadas com a totalidade do corpo como um pássaro e apenas a cabeça humana.

Stamnos, figuras vermelhas, Vulci, Etruria.
Por volta de 500 a 450 a.C.
Museu Britânico, Londres: 1843.11-3.31
CVA: London, British Museum 3, III.Ic.8, PL.(185) 20.1A-D
LIMC: VI, PL.632, Odysseus 155 (A)
CAVI: London E 440.

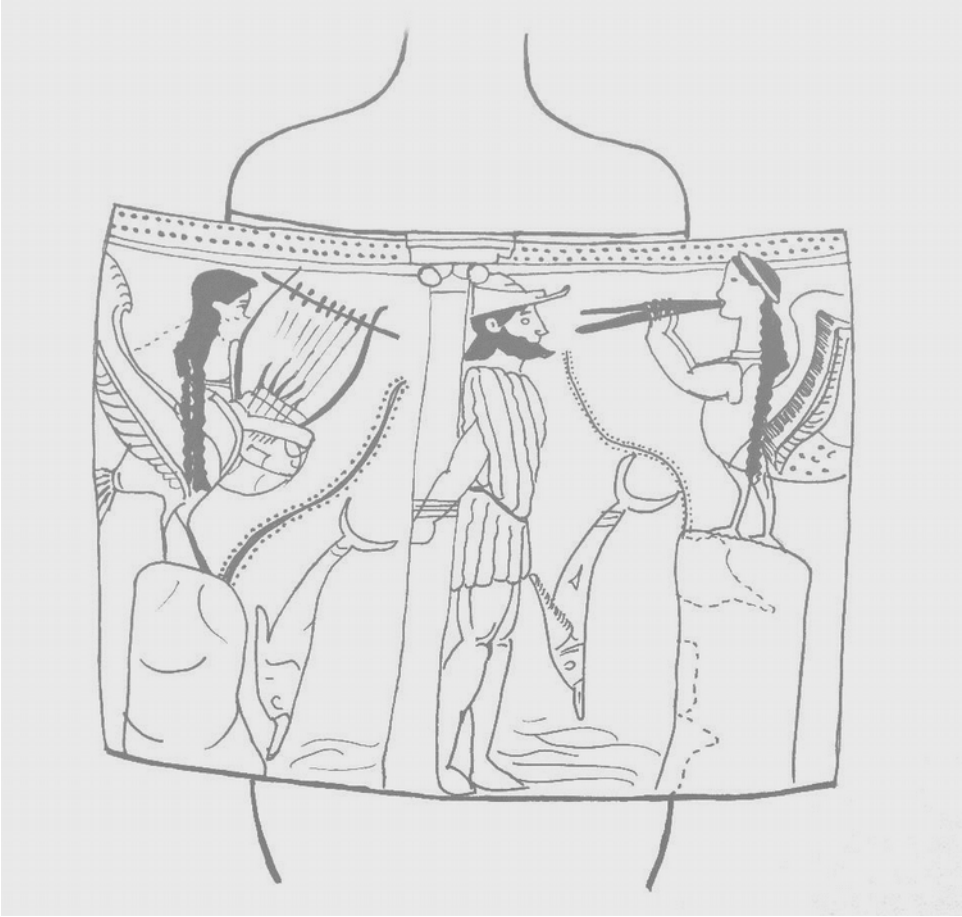
(Fig. 04)



À direita, Odisseu atado ao mastro do barco; à esquerda, sobre uma encosta, as três Sereias, uma ao lado da outra. As Sereias apresentam braços humanos, a primeira toca um aulos, a segunda canta e a terceira toca a lira. As Sereias estão em evidência, representadas maiores do que os tripulantes do barco e o próprio Odisseu. O barco traz uma interessante forma de javali, que remete à cicatriz de reconhecimento de Odisseu enquanto herói e à sua nobreza.

Oinochoe, figuras negras, Atenas.
Por volta de 525 a 475 a.C.
Nova Iorque, Callimanopoulos.
Beazley Archive Number: 351329

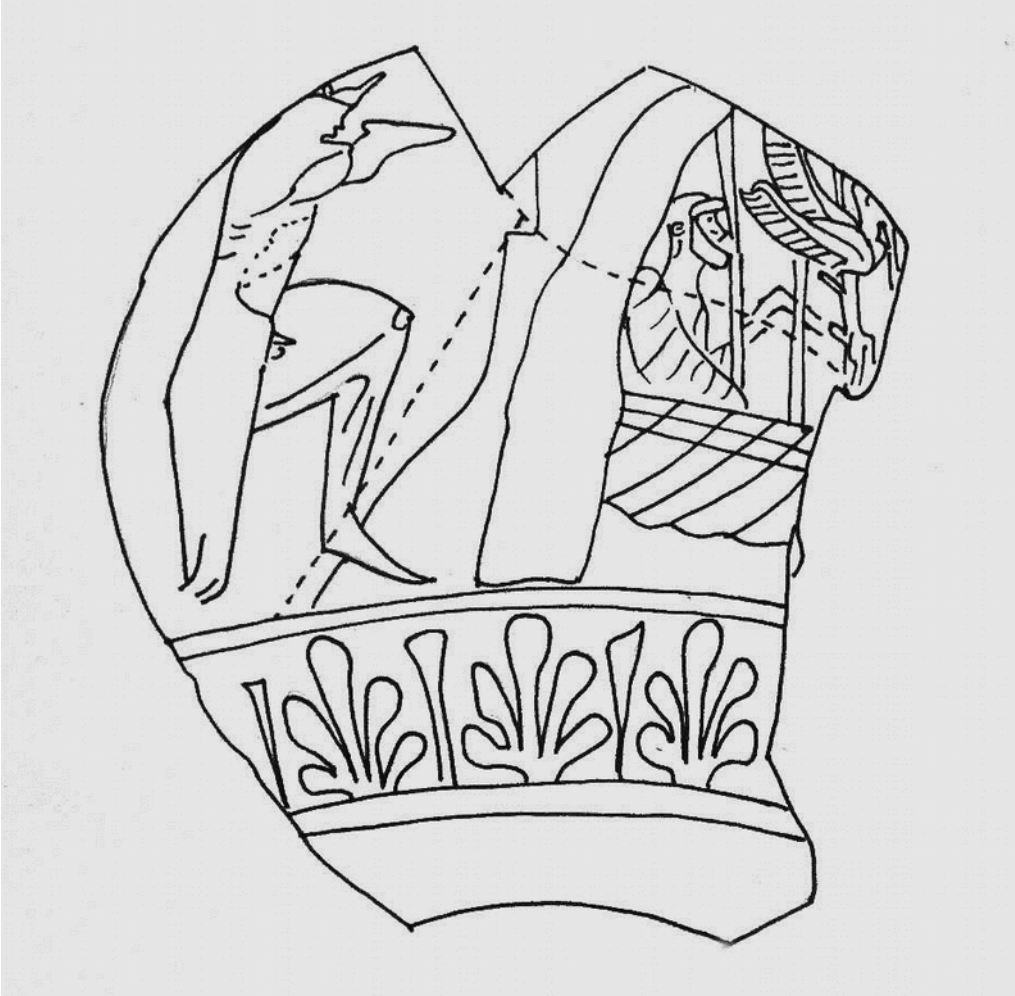
(Fig. 05)



Odisseu atado ao mastro do barco enquanto ouve duas Sereias. A da direita toca um aulos, enquanto a da esquerda toca uma lira. De cada lado de Odisseu há um golfinho. Cada Sereia está posta sobre um rochedo e apresentam, além do rosto feminino, os braços humanos.

Lekythos, fundo branco, figuras negras, Ática.
Por volta de 500 a.C.
Atribuído ao Pintor de Edimburgo.
Museu Nacional de Atenas, Catálogo nº Athens CC958.

(Fig. 06)

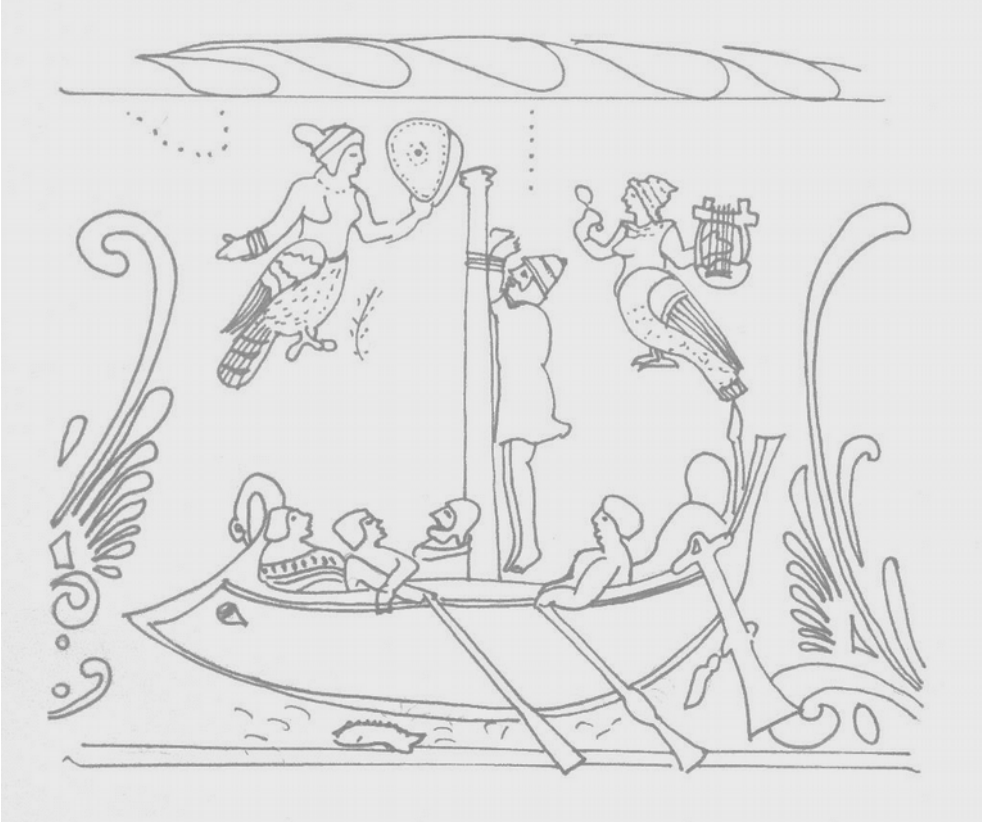


Asas de uma Sereia sobrevoando o mastro da nau de Odisseu, sob o qual um homem, interpretado como Polifemo, está sentado. À esquerda da cena uma figura masculina.

Phorminkos (fragmento), figuras negras, Atenas.
Por volta de 550 a 500 a.C.
Tubingen, Eberhard-Karls-Univ., s101507.
CVA: Tubingen, Antikensammlung des Archaologischen Instituts der Universitat 3, 32-33, PL.

(2267) 22.6-7
LIMC: VII, PL.565, Sisyphos I 15
CAVI Collection: Tübingen D 56

(Fig. 07)



Ao centro, o barco em que Odisseu está atado ao mastro para ouvir o canto das Sereias. Seus companheiros as observam, embora não possam ouvir. São duas as Sereias, postas uma de cada lado do mastro e, apesar de aparentemente não estarem sobre rochedos sua figuração não é de voo. Sua tipologia é já percebida como tardia, em que a metade inferior do corpo configura-se como um pássaro enquanto a metade superior é claramente um dorso feminino. A Sereia da direita carrega uma lira na mão esquerda e um espelho na mão direita. A Sereia da esquerda traz um tympanon, que apenas aparece nas representações italiotas de Sereias.

Krater, figuras vermelhas, Paestum.
Por volta de 340 a.C.
Atribuído ao Pintor de Piton.
Antikenmuseem, Berlim, Alemanha. V. I. 4532